

Conclusão

Nossa viagem pelo mundo do *Grupo Nós do Morro* e do *Grupo Cultural Afro Reggae*, além de relatar algumas experiências desses dois movimentos singulares, aponta para algumas respostas às nossas perguntas iniciais. Nossos objetos de estudo: dois movimentos com trajetórias, linguagens e posturas políticas distintas, por um lado assinalam que não existe uma fórmula “certa” para atingir resultados extremamente positivos e efetivos. Por outro, mostram que mesmo intenções, idéias, metodologias e contextos distintos compartilham certos processos particulares às artes cênicas ou performáticas.

Voltando à pergunta inicial inspirada por Geertz, qual é o contexto desses dois movimentos e como dialogam com esse contexto? Como a arte performática possibilita esse diálogo?

No início do estudo, caracterizamos alguns aspectos da história das favelas do Rio de Janeiro que indicam o afastamento, exclusão e marginalização físicos, sociais e culturais, exemplificados pelas políticas de remoção e atitudes sobre a favela que apoiaram esse tipo de política. Torna-se evidente, nesse ponto na história, uma necessidade dos moradores delimitarem e defenderem seu espaço, tanto físico como social, que lhes era de direito. A partir de então, observamos algumas características das primeiras organizações de resistência e ação social baseadas nas favelas e os desafios que enfrentaram, especialmente em relação ao fornecimento de serviços para a juventude. A problemática do território, presente também em estudos sobre juventude e cultura (particularmente funk e hip-hop) viraria um instrumento importante para os jovens favelados, que buscam situar-se em um contexto no qual seu território físico e simbólico-cultural é limitado e determinado por outros. O debate sobre a “cidade partida” revela diversos processos de exclusão, ao mesmo tempo perguntando se o Rio de Janeiro vive realmente uma divisão total, ou se existem redes que possam ser ampliadas para propiciar uma integração maior entre as várias camadas da sociedade.

Nesse contexto surgem o *Nós do Morro* e o *Afro Reggae*. O diálogo desses movimentos com seu contexto é caracterizado pelas ligações inter-setoriais, pelo questionamento de fronteiras e pela criação de novos territórios simbólico-culturais. Seu trabalho discute o conceito da “cidade partida”, mostrando vias de troca direta que ultrapassa as percebidas “divisórias”. Não se limitam exclusivamente à arte, ao trabalho social, à política ou à educação mas agem em todas essas áreas e já começam, de certa forma, quebrando barreiras institucionais entre campos diferentes. Além disso, não assumem um discurso de “falar em nome” dos moradores da favela; os produtos artísticos são criados coletivamente pelos jovens em conjunto com as lideranças (alguns dos jovens também tornando-se lideranças). Portanto, o *Nós do Morro* e o *Afro Reggae* encabeçam um discurso artístico/sócio-político próprio de jovens das favelas que comunica com o público sem intervenções alheias.

Um outro tipo de conexão significativa possibilitada pelos dois movimentos é a interligação do valor do indivíduo com os valores coletivos. As artes cênicas dependem do trabalho em conjunto, mas ao mesmo tempo criam espaços para as particularidades na forma de talentos e vozes individuais. O *Afro Reggae* e o *Nós do Morro* inserem no mercado profissional artistas formados dentro dos próprios movimentos, que, além de suas identidades e talentos individuais trazem uma história e uma ideologia compartilhada, radicada nos valores do grupo. Essas personalidades, cujas identidades são ligadas à favela, ocupam espaço em telenovelas, matérias e entrevistas de jornais e revistas, programas de rádio, debates e outras vias de comunicação de massa, estabelecendo assim uma “presença” cultural da favela no imaginário público.

Nossa discussão inicial do contexto carioca indica que, embora exista proximidade física entre as diferentes camadas sociais na geografia da cidade, permanecem fatores de afastamento e exclusão social. Ainda entrelaçando (mas não fundindo) o indivíduo e o coletivo, a performance dentro desses dois movimentos inclui e integra pessoas que de outra forma talvez não teriam compartilhado um

espaço ou uma experiência dessas. A performance torna-se, através do trabalho do *Nós do Morro* e do *Afro Reggae*, um processo que aproxima pessoas de classes e setores sociais diferentes, realizando não apenas a inclusão mas a *integração* do tecido social. A formação do *Nós do Morro* é uma aproximação entre pessoas oriundas do Vidigal e artistas que se estabeleceram lá; juntos conquistaram seu espaço dentro da comunidade do Vidigal. Seus espetáculos acionam uma mobilização física que cria novas misturas sociais, trazendo críticos de peso para assistir seus espetáculos, ganhando prêmios prestigiosos, e conseguindo espaços de apresentação em teatros consagrados do circuito profissional carioca. *O Afro Reggae*, por sua vez, faz o ponto de contato entre artistas célebres da música nacional com jovens artistas de Vigário Geral. Ele cria formas de colaboração entre os grandes nomes da música popular brasileira e bandas emergentes oriundas das favelas; entre jovens das favelas (algumas vítimas de violência policial) e policiais militares. Portanto, o trabalho artístico dos dois movimentos envolve processos sociais que deslocam as pessoas no espaço de formas novas e inesperadas. A mídia gerada por esses encontros ajuda a criar território em outros sentidos, difundindo as imagens e idéias de integração muito além dos próprios eventos. De acordo com a teoria de Haesbaert, esses tipos de territórios correspondem ao território “culturalista”, influenciando a percepção simbólico-cultural das favelas, enquanto o aspecto “econômico” do território une pessoas de classes sociais diferentes que se relacionam ao redor das atividades do *Nós do Morro* e do *Afro Reggae* – empresários, jornalistas, artistas celebridades, artistas emergentes, jovens da favela, jovens de classe média e classe alta, técnicos, intelectuais etc.

Dessa forma, o diálogo desses dois movimentos com seu contexto ganha um caráter inclusivo, de redes, parcerias e iniciativas que envolvem indivíduos e entidades de diversos setores. A arte performática estimula essa ação de diversas formas: as apresentações são eventos transitórios que aglomeram as pessoas e requerem a colaboração de uma variedade de áreas: artistas, produção, patrocínio, figurino, público, segurança, local, gravação, iluminação, som entre outros.

Aqui chegamos a um dos nossos pontos principais: a relação do Nós do Morro e do Afro Reggae com o contexto carioca, embora conviva com a violência, não funciona apenas a partir da violência e seus frutos não são uma mera “alternativa” à criminalidade. A unificadora das artes cênicas consegue atravessar as fronteiras quando, como no caso do *Nós do Morro* e do *Afro Reggae*, os artistas não dedicam-se a fazer “arte pelo social” mas entregam-se a um processo de pesquisa e elaboração de produtos artísticos de qualidade. Ao investigar os processos criativos dos dois movimentos, observamos o investimento dos jovens artistas e das lideranças, no nível individual e no nível coletivo, no desenvolvimento de obras próprias utilizando uma linguagem original e elementos da memória coletiva. Sua arte, embora busque expressar e dialogar com o contexto da favela, não atrai convites e públicos do país inteiro e do exterior por causa da caridade, do paternalismo, da carência. Os shows do *Afro Reggae* e os espetáculos do *Nós do Morro* são procurados porque oferecem apresentações originais e inovadoras realizadas por artistas competentes e talentosos.

Ao apontar para todos os paralelos, não podemos esquecer das divergências entre os dois movimentos, e o equilíbrio entre o papel da arte e o papel do discurso social é uma das diferenças mais marcadas. O *Nós do Morro* se adere ao objetivo principal de dar para os participantes e a comunidade o acesso à arte e à cultura; o impacto social vêm como frutos desse acesso. O *Afro Reggae*, por sua vez, contrapõe seu trabalho mais diretamente com determinados desafios relacionados a violência e juventude, articulando o objetivo de “desviar” jovens do narcotráfico e do subemprego. A política do *Afro Reggae* se estrutura mais entorno de “regras” regulando o uso de drogas, cigarros e álcool, a participação no trabalho institucional/social etc. enquanto o *Nós do Morro* não impõe diretamente esse tipo de obrigação. O que nos interessa nesse aspecto é que a função dos dois movimentos não visa *restringir* o espaço, nem *minimizar* o alcance do jovem da favela. Apesar de determinadas perspectivas que vêm na prática artística a finalidade de “ocupar”, “conter” ou “salvar” o jovem de alguma natureza perigosa, o *Afro Reggae* e o *Nós do Morro* mostram como objetivo *abrir* os espaços para esses jovens, *aumentar* sua possibilidade de se expressar, se identificar e se relacionar. É nesse sentido,

acreditamos, que os dois movimentos realizam seu maior impacto: não através do desvio, do bloqueio, da neutralização ou da limitação, e sim através de encorajamento, mobilização, comunicação e liberdade.

Outra pergunta abordada neste estudo visa investigar as linguagens temáticas e performáticas desenvolvidas nas obras de arte das “vitrines culturais” dos movimentos: a *Banda Afro Reggae* e a (atual) *Companhia Nós do Morro*. Na discussão das peças e músicas, saboreamos alguns dos temas e tendências elaborados pelos dois grupos a partir do contexto da favela, mas sem se limitar ao contexto da favela. A arte, ferramenta potente da política e da estimulação de diálogo, é utilizada pelos dois movimentos de formas pronunciadamente distintas. A abordagem artística da *Banda Afro Reggae* no disco *Nova Cara* corresponde, em alguns aspectos, a determinadas posturas da instituição, enfrentando de forma mais direta e combativa uma série de problemas sociais. A arte do *Nós do Morro*, por sua vez, também se pronuncia sobre uma variedade de críticas sociais, mas vêm de certa forma “embutidas” em uma linguagem mais humorística e lúdica. Os contrastes são evidentes na textura das obras, nas falas de lideranças e participantes, na energia que engloba cada um.

Tirando um pouco a casca, os dois grupos revelam uma preocupação com uma questão fundamental em comum: a identidade individual e a identificação. A identidade consiste em parte da *diferenciação* do indivíduo ou grupo. Em *Burro Sem Rabo* e nas letras de *Nova Cara*, observamos as várias maneiras de defender a integridade da identidade individual, soberana e a rejeição de forças conformistas e paternalistas. Outro aspecto da identidade envolve a *identificação*, o reconhecimento do que há em comum. Nesse sentido também, tanto o *Burro Sem Rabo* como as letras de *Nova Cara* enfatizam o poder do conjunto e as semelhanças que pode haver entre grupos e indivíduos diferentes.

Ao interpretar a memória coletiva expressa pelo espetáculo *Noites do Vidigal* e pelas canções de *Nova Cara*, observamos diversos exemplos da memória das

favelas como inspiração artística. Os grupos aproveitam o espaço indicado por Huysen: se apropriam do passado para criar um registro de vivências e lembranças que correm o risco de ser perdidos em meio à velocidade da “era das informações.” Ainda de acordo com Huysen, a memória nas obras do *Nós do Morro* e do *Afro Reggae* não serve apenas para retratar ou reproduzir o passado. A memória do Vidigal antigo em *Noites do Vidigal*, por exemplo, torna-se uma lente através da qual podemos avaliar e questionar o presente. Nas letras de *Nova Cara*, a vivência do passado, exemplificada pela experiência de Vigário Geral, é um ponto de contraste entre a realidade e a “luz no fim do túnel”, ou seja, as possíveis soluções em face às dificuldades do passado e do presente.

As obras de arte produzidas pelo *Nós do Morro* e pelo *Afro Reggae* tornam-se ferramentas de autodeterminação. Colaborando na composição, preparação e encenação, os jovens participantes apresentam uma imagem que, por mais que represente determinados pontos de vista, é criada por pessoas que pertencem à realidade em questão e que têm uma preocupação de dialogar com essa realidade em sua obra. Em um contexto onde imagens das favelas são produzidas em massa por olhares “de fora”, o *Nós do Morro* e o *Afro Reggae* projetam vozes que falam na primeira pessoa.

Este estudo, acreditamos, além dos aspectos aqui aprofundadas, mostra a pluralidade de formas de ação dos dois movimentos, sugerindo enormes espaços inexplorados, abertos para futuras investigações. Cada um dos projetos, SubGrupos, espetáculos e parcerias aqui mencionados guarda um contexto próprio, uma história própria para serem examinados mais acuradamente. Existem também possibilidades de ampliar o discurso, aplicando questões de arte, inclusão e autodeterminação para em contextos de regiões e países diferentes. Ao concluir este estudo, a riqueza dessa mina sempre traz com cada resposta extraída o brilho de novas perguntas.

O que podemos identificar como característica, de forma mais ampla, é a rejeição de dualidades, de divisões preestabelecidas em favor da *multiplicidade* de

espaços, de políticas e de memórias. O trabalho do *Nós do Morro* e do *Afro Reggae* expõe a arte como uma via dessa abertura de espaço, em que grupos distintos possam conviver sem sacrificar a diversidade. Dessa forma, o acesso à arte e à cultura, não apenas ao consumo mas à *criação*, é um caminho que leva à integração e à autodeterminação. A realização deste estudo proporciona um desejo irresistível de “por a mão na massa”, de conhecer mais de perto. Acreditamos que, se o leitor também se sentir inspirado a compartilhar essa vontade, teremos dado nosso melhor grito.